



O resgate da infância na construção do caderno de memórias

Eliana Gonçalves da Silva Fonseca^{*}

Diandra Karollyna Ferreira^{**}

Introdução

O presente relato é de uma atividade de construção do caderno de Memórias desenvolvido no curso de Pedagogia. Tal relato de experiência mostra-se pertinente uma vez que esse recurso didático muito nos auxiliou na compreensão de algumas dificuldades que se apresentavam no desenvolvimento da disciplina de História.

Tal atividade justificou-se a partir da observação que muitos dos discentes apesar de iniciarem o curso que contempla o conteúdo de História, ainda apresentam questionamentos sobre sua importância e do conceito de sujeito histórico.

Pensamos também, como embasamento a sua função o professor deve entender a necessidade de se adquirir uma empatia com seu aluno e que o auxiliará no processo ensino e aprendizagem; amenizando os problemas com questões enraizadas de forma errônea. Muitos acreditam que a história preocupa-se apenas com passado. A maioria dos alunos não a compreende e não vê significado ao estudá-la, pois a metodologia adotada por parte de alguns professores distancia o conteúdo de sua realidade.

Nesse sentido os objetivos da atividade eram de resgatar nos discentes a reflexão e compreensão do por que valorizar a própria história, atitudes que são determinantes no processo de ensino e aprendizagem; que conhecer um pouco da história de seus alunos favorece a compreensão de alguns dilemas relacionados ao processo educacional.

Também entre os objetivos refletir sobre as os pontos positivos e negativos que as lembranças carregam e nos influenciam em nossas escolhas, tanto em questões pessoais quanto profissionais. O recurso didático do caderno de memórias carece de maior aprofundamento em leituras relacionadas à temática, pois encontramos alguns



entraves em sua execução por lidar com questões muito subjetivas, que estão ligadas as emoções e que talvez não estejam em nosso alcance.

Cenário da unidade de ensino

O cenário é o lugar em que as ações ocorrem, os sujeitos se formam, vivem suas histórias. O contexto social e cultural tem o papel de construir, permitir ou negar. O lugar tem as marcas do homem, formas, tamanhos e limites (JÚNIOR, GUIMARÃES, 2012, p.134). Com a referida reflexão de Júnior e Guimarães, iniciamos a apresentação do cenário no qual se desenvolveu a atividade. A Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) é uma instituição de ensino superior privada composta por vários campi, distribuídos no estado de Minas Gerais com cursos diurnos e noturnos.

O presente relato diz respeito ao campus Uberlândia (Pedagogia e Matemática) ao trabalho desenvolvido nas disciplinas de História do Brasil e História da Educação. Existem 14 turmas sendo uma delas do curso de Matemática. Em geral, são formadas por alunos entre 18 e 50 anos, oriundos de escolas públicas e que cursaram a EJA (Educação de Jovens e Adultos), cujos conhecimentos acadêmicos ainda estão em fase de aprimoramento. As turmas em foco para esse relato de experiência são formadas em sua totalidade de 72 alunos, cursando primeiro e segundo períodos, todos do curso de Pedagogia. Em sua maioria, apresentavam pouco hábito de leitura. Em decorrência de vários fatores que não desenvolveremos nesse relato.

Vale ressaltar que de acordo com a grade curricular a disciplina de História do Brasil é ministrada no primeiro período e de História da Educação no segundo período.

Fundamentação teórica

Júnior (2012), Guimarães (2003) Rusen(2010), Souza(2004), apresentam fundamentação para o ensino de história nos quais subsidiaram nossas reflexões e que foi de extrema importância e nos levou a execução da construção do caderno de



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



memórias, que era de pontencializar o aprendizado, por meio de um processo cognitivo de construção e de significados.

De acordo com Selva Guimarães o professor não pode desconsiderar realidade dos alunos e a história de vida destes, a função do professor está em desenvolver a compreensão sobre a consciência histórica respeitando seus saberes:

o professor não opera no vazio. Os saberes históricos, os valores culturais e políticos são transmitidos na escola a sujeitos que trazem consigo um conjunto de crenças, significados, valores, atitudes e comportamentos adquiridos nos outros espaços educacionais (GUIMARÃES, 2003 p. 90).

Também segundo Jörn Rüsen, “a consciência histórica está diretamente ligada aos valores morais e ao raciocínio, uma orientação que pode guiar a ação intencionalmente, através da mediação da memória histórica.” (RÜSEN, 2010, p.58). Nesse sentido, Rüsen nos alerta para a compreensão de que a consciência histórica não é “simples conhecimento do passado”, mas um entendimento do presente e uma antecipação do futuro. Para tanto podemos entender segundo este pensamento que as narrativas adquirirem um fator de fundamental importância no agir histórico que de acordo com o autor:

Que os homens tenham consciência da história baseia-se, afinal, no fato de que seu próprio agir é histórico. Como usam intencionalidade, os homens inserem, pois, seu tempo interno (...) no contato com a natureza externa, na confrontação com as condições e as circunstâncias de seu agir, nas suas relações com os demais homens e com si mesmos. Com isso, o agir humano é, em seu cerne, histórico. E ‘histórico’ significa aqui, simplesmente que o processo temporal do agir humano pode ser entendido, por princípio, como não natural, ou seja: um processo que supera sempre os limites do tempo natural. (RUSEN, 2010, p. 79)

Podemos entender de forma bastante esclarecedora que a história não é exclusiva dos bancos das salas de aula ou nas universidades, mas no cotidiano, nas ações, e nas relações e mais simples de convivência na sociedade, por meio das várias narrativas que se estabelecem diariamente. Assim, o pensamento histórico obedece a uma “lógica narrativa” e a uma racionalidade específica do histórico.

A experiência da construção do caderno de memórias



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**
POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História
Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016
ISSN: 2179-5665



O relato apresentado foi pensado e refletido no qual era necessário articular com as teorias em especial sobre memórias e construção do sujeito histórico; e tudo começa com a necessidade de resgatar a importância reflexão sobre o lugar da memória na formação docente. Necessidade que foi observada por meio de algumas discussões sobre as temáticas da memória e educação.

Assim, partindo dessa constatação, julgou ser pertinente além dos relatos orais e objetos, a construção do caderno de memórias como recurso de estudo e de avaliação das competências que queríamos desenvolver em sala. A proposta iniciou-se com relatos de infância de forma oral e posteriormente apresentaram objetos que lembrassem sua infância, levando em consideração a experiência de vida de cada aluno (a). Pretendíamos levá-lo a compreensão da importância de sua história na construção de sua identidade e de desenvolver a partir da utilização de várias estratégias como fontes históricas que fazem parte do processo educacional, relacionando-as a sua história escolar e acadêmica.

Inicialmente alguns alunos não compreenderam a importância da construção do caderno, em especial os alunos mais jovens, mas com a colaboração dos alunos que tinham uma idade maior, devido suas experiências vivenciadas até pela sua idade, o problema que se apresentou inicialmente, foi aos poucos sendo sanado. Contudo, tínhamos ainda alguns entraves na questão da inteligência emocional de algumas pessoas.

De acordo (ELIZEU, 2004, p.171) “a escrita narrativa, como uma atividade meta-reflexiva, mobiliza o sujeito a uma tomada de consciência, por emergir do conhecimento de si e das dimensões intuitivas, pessoais...” Ainda de acordo com o autor nesse percurso surgem vários questionamentos na definição de Elizeu uma “tensão dialética”, em sua concepção surgida entre o pensamento, a memória e a escrita. Essa situação ocorreu em nossa atividade, mas para a nossa satisfação nenhum aluno recuou-se e cada qual desenvolveu de forma bastante autônoma seu caderno, enfrentando, seus traumas e dores. Evocando a arte do sentido da investigação sobre si mesmo. Tanto que, o mesmo extrapolou a proposta inicial do resgate da infância.



Muitas histórias nos emocionaram com alegrias, dores e superações ao longo da vida. Pessoas com tão pouca idade e com experiências marcantes. Compreendemos que naquele momento havíamos desenvolvido um vínculo maior de fidelidade e comprometimento com aqueles alunos que nos confiaram suas histórias. Vale resaltar que o caderno foi sendo construído e entregue aos poucos e lidos ao longo de todo o período, pelo volume de históricas que iam sendo produzidas. Paralelamente a essa produção foram realizadas leituras e reflexões de textos que articulavam com a temática. Ao final do semestre finalizamos a atividade com a exposição dos cadernos, a qual foi devidamente autorizada.

O olhar da discente e suas histórias

O trabalho quando foi proposto de imediato pensei e comentei a seguinte frase “Que atividade dolorosa”. Porque automaticamente os traumas estão mais presentes em nossas memórias. Mas por outro lado quando tirei um tempo pra este olhar do passado e para meu interior, minha concepção mudou.

Quando reportava na memória momentos da minha infância. Eu parei e agradei. Eu e minha irmã tivemos momentos incríveis, agradáveis e felizes com muitas brigas e artes de crianças. Agradeço por não ter passado fome e dificuldades e muito menos abuso sexual, Iguais aos que tive a oportunidade de ouvir em relatos tristes.

Quando falei sobre algo doloroso, coloquei minhas memórias totalmente na minha adolescência conturbada com várias mudanças inclusive uma gravidez precoce. Uma coisa que me deixou feliz e que passei a admirar mais minha docente foi a cena que uma aluna se manifestou contra a atividade do caderno de memória.

Sua atitude e reação me surpreendeu, pois ela não impôs a atividade e explicou com toda educação e atenção. Que a atividade era subjetiva mais não obrigatória que seria disponibilizado outra atividade para a mesma. Quando chegou ao meu conhecimento que ela fez a atividade, confesso que fiquei feliz pela superação dela e bastante intrigada qual seria a memória dela que de imediato causou tanta resistência. Em específico às minhas, escrevia e eu ria sozinha com várias lembranças felizes. Mais



minhas memórias são muito fortes na adolescência. E agora consigo fazer uma análise do meu próprio eu. Hoje me entendo e as atitudes que tenho.

Uma das memórias que está registrada no meu caderno que hoje compreendo como estando num papel vulnerável de mulher construído em nossa sociedade.

A atitude da minha vizinha, que eu ao falar do sexo do meu filho "homem" ela ajoelhou e agradeceu com as mãos pra cima dizendo: graças a Deus é um "sacudo" no momento fiquei triste e ajudei a mesma a levantar-se pensando como seria a reação dela se meu filho fosse do sexo feminino.

Uma outra memória que vou sempre levar comigo, é da madrugada mais longa da minha infância que deu polícia e uma faxina educativa. Eu e minha irmã fomos visitar uma prima com a autorização da minha vó por parte do meu pai adotivo que estava responsável por nós em um dos finais de semana como de costume. Só que sem avisar a minha prima saiu para uma festa e deixou-me com minha irmã e o filho dela trancados. Quando já estávamos dormindo, para o carro da polícia, arrombaram o portão e minha mãe nem olhava para a gente.

Lembro que assim que chegamos em casa durante a madrugada estávamos indo diretamente para quarto quando ela dirigiu a palavra a nós. Onde pensam que vão? Vem aqui! Entregou as vassouras e molhou todos os cômodos da casa com vários baldes de água e jogou sabão em pó. Era espuma que não acabava mais, essa foi a faxina educativa método desenvolvida pela minha mãe. Que funcionou por sinal, foi só uma vez.

A história é construída não só na escola, mas em todo lugar, com todas as pessoas que se estabelece alguma relação, convívio ou contato. Temos uma história extraída da educação informal e formal resignificada a todo o momento que se complementam, ambas com seu papel histórico-social.

Avaliação dos resultados

Por meio dessa atividade, foi percebido e explicitado um respeito maior entre os alunos ao compartilharem suas histórias, inicialmente pela oralidade e posteriormente



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
*na pesquisa e no ensino de História***

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



na construção do caderno, quando também puderam socializar suas histórias pelo texto e pelas fotos que foram também muito utilizadas. Em geral, passaram a ter clareza sobre sujeito histórico e como é importante sentirem-se sujeito na trajetória histórica e de sua importância enquanto professor (a) e na formação do seu aluno. Conforme Elizeu Clementino Souza,

Em tese, a pesquisa narrativa e a escrita de si sobre si mesmo desvendam modelos e dispositivo se procedimentos tácitos vividos pelos sujeitos, ao permitir entender como os professores em formação estabelecem sentidos e sua história de escolarização, ao trabalho escolar e como podem atuar, diferentemente ou próximo das experiências formadoras desenvolvidas ao longo da vida. (SOUZA, 2004, p. 371)

A atividade também desencadeou uma percepção maior do valor que estes representam para suas famílias e vice e versa e que essa percepção se refletirá na condução de sua vida e da profissão que escolheram. Percebe-se que todos os seres humanos estão em constante aprendizado, sejam através de suas vivências com outras pessoas e independente do nível de escolaridade. Portanto podemos constatar que a realização dessa atividade obteve êxito em seu objetivo geral.

Considerações finais

A memória tem um papel fundamental na construção de nossa trajetória e consciência histórica, e nesse processo o professor não pode se eximir de seu papel de agente transformador no processo de ensino e aprendizagem. Desvincular-se das amarras da valorização ou remuneração profissional no momento de seu ofício dentro da sala de aula e na relação com seu aluno. Propor uma reflexão e compressão individual da frase filosófica de Sócrates "Conheça a ti mesmo" um olhar interior e verdadeiro.

Compreendemos que, a trajetória histórica e a identidade é construída e viva, pode e deve ser contada, recontada e registrada. Ora semelhante à História da Educação do Brasil, vivendo um presente único devido a seus protagonistas, uma história de avanços e retrocessos, pensamos que podemos evitar reproduzir situações nas quais não desejamos, mas ir em direção a um processo que vislumbramos um futuro promissor.



**IV Semana de História do Pontal
III Encontro de Ensino de História**

**POLÍTICA, GÊNERO E MÍDIA
na pesquisa e no ensino de História**

Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal
29 de novembro a 02 de dezembro de 2016

ISSN: 2179-5665



Referências bibliográficas:

GUIMARÃES, Selva. *Didática e práticas de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica: teoria da história: fundamentos da ciência histórica*. Brasília: Editora UNB, 2010.

SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes da; GUIMARÃES, Selva. Significados do ensino de História para jovens estudantes de escolas urbanas e rurais. *Cad. Pesq. Cdhis*, Uberlândia, v.25, n.1, jan./jun. 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: narrativa do itinerário escolar e formação de professores 2004* Tese de doutorado- Universidade Federal da Bahia. Faculdade de educação.334f.

* Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) – Campus Uberlândia. E-mail: <eliannafonseca@yahoo.com.br>.

** Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC) – Campus Uberlândia. E-mail: <diandrakarollyna@gmail.com>.